

C B

15/4/2000 p. 22

HCTR 0122

TT CATALÃO

Quinze flechas

O relógio é um ícone do controle do tempo natural. É um conflito entre o ciclo biológico e o manipulado pelo sistema. Como o calendário, que marca os dias mas não percebe o tempo emocional. O relógio simboliza precisão, pressa e pressão sobre quem trabalha. O relógio é máquina idolatrada pelo pessoal do "tempo é dinheiro". Os súfços mandaram para o Brasil um rapaz competente em design: Hans Donner. Donner, além de namorar um monumento nacional chamado Valéria Valensa, é dado a brilhantes animações computadorizadas. Uma virou monumento. Virou relógio. Feito para comemorar os 500 anos da colonização europeia em nossa terra-mãe.

Pois ontem mil índios de vinte tribos, que um dia quase comeram um outro Hans (Staden) em 1557, crivaram, às 10h35, o relógio do Hans Donner. Os ponteiros desconheciram o romântico ataque, prosseguiram, mas o simbolismo foi atingido. As tribos estavam em Brasília, na quinta-feira, para acertar contas com essa

conversa toda de monumento que só vale para branco. Eles fizeram o deles em Coroa Vermelha, Bahia, e a polícia derrubou. As quinze flechas alvejaram a consciência nacional.

Ainda foram ao Congresso, e até um tanto acintosamente — às vezes é difícil manter o decoro ante parlamentares não muito chegados ao propriamente dito — brandiram armas pela indignação óbvia: perderam as terras, os parentes (um milhão de mortos por século), a identidade e a esperança em blablablá oficiais. O grande cacique da República sentiu-se ofendido, naturalmente. Mas não era nada pessoal. O exaltado índio Henrique Suruf e o cacique Naiton Hã-hã-hã sabem se relacionar no terreno do simbólico, e Brasília, nesse sentido, é significativa como poder castrador. Mais explícito que a morte do pataxó Galdino, em pleno Dia do Índio, por rapazes "brincalhões" da classe média, é impossível.

Classe média que parece narcotizada pelo 500 anos súfço. Não que se deva acirrar o racis-

mo vermelho em uma nação cuja glória maior é a mestiçagem. Somos todos um belíssimo coquetel índio, branco, negro, amarelo. E cada um pode e deve comemorar os 500 anos da brasilidade do jeito que bem entender. Só não pode é impedir a expressão do outro.

E a questão do outro esteve presente na cidade quando um pequeno grupo morador do Sudoeste solicitou ao GDF que construísse uma área de lazer em vez de uma escola pública. Motivo: "não precisamos". Curto e grosso. Pior foram os infelizes argumentos associando a frequência da escola pública como antro de marginais. Trágica alienação dos que se julgam "salvos" por ter dinheiro, algum poder e escapes como escola, saúde e segurança particulares. Exclusão dos pobres que, sem flechas, podem revidar com armas diferentes. Das mais recalcadas até as mais dignas como demonstrar o quanto soou arrogante a posição dos patéticos emergentes. O ranço colonizador sobrevive. E o estoque de flechas está acabando.